

A culpa é do médico estressado

Com um piso salarial de R\$ 1,2 mil, maioria dos profissionais faz hora extra e tem mais de um emprego

Avendedora Maria Honeide Gonçalves Sousa, 39 anos, era mais uma na multidão de irritados na fila do HRT no começo da tarde de segunda-feira. "Isso aqui é uma desprestação (sic) de serviço", diz, na pressa de quem não esconde o nervosismo. Semana passada, depois de oito horas na fila, ela foi embora sem saber as causas da pressão sempre baixa e a freqüente dor de cabeça. "Aqui é um jogo de empurrar-empurra. Fui reclamar da de-

mora e ainda tenho de ouvir as gracinhas do atendente perguntando se sou empresária."

Enquanto outros pacientes abandonam a fila para contar seus dramas, uma médica sai à porta do pronto-socorro, estetoscópio (aparelho para auscultar as batidas do coração) ao redor do pescoço e cigarro na mão. Aparentemente nervosa, fala do mau atendimento dos pacientes. "Não tem jeito, não. A capacidade do hospital já se esgotou há muito. Temos de atender mal mesmo",

desabafa, andando apressadamente para o carro e sem querer se identificar.

"Quase cem por cento dos médicos fazem hora extra, têm outro serviço. Não pode ter colega nenhum alegre, quando ganha um piso de R\$ 1.200. A tolerância fica mais baixa, o médico começa a achar que o paciente está exigindo muito e a situação só pode ser de alta-tensão", comenta o anestesista Neri João Botin, vice-presidente da Associação Médica Brasileira (AMB).

A rede pública de Saúde do Distrito Federal é composta por 60 centros de saúde e 13 hospitais. A capacidade de atendimento, segundo a Secretaria de Saúde, é de 2 milhões de pacientes por mês. "Atendemos muito mais que isso,

4,8 milhões de pessoas", lamenta o secretário Jofran Frejat, que reclama da demanda extra, enviada pelas cidades do Entorno.

Apesar de todos os problemas que comprometem a boa relação médico-paciente, pesquisa do Sindicato dos Médicos aponta que a maioria das reclamações refere-se ao tempo de espera nas filas e a falta de vagas nos hospitais. "São mínimas as queixas contra médicos", diz. Em 1999, segundo ele, foram registradas 585 queixas contra atendimento médico e 77% delas foram arquivadas porque não faziam sentido.

"O problema na rede pública de saúde é estrutural. O médico e as equipes de saúde andam estressados e o paciente já chega ao hospital com a idéia de que o ser-

viço funcional mal", diz o promotor de Defesa da Saúde, Libânio Alves. Os casos extremos de desrespeito viram ação civil pública.

Ações judiciais que poderiam ser evitadas, segundo o médico Neri Botin, da Associação Médica Brasileira. "As faculdades de Medicina precisam incluir disciplinas de relacionamento médico-pacientes no currículo", defende. (Rovênia Amorim)

SERVIÇO

Casos de maus-tratos devem ser comunicados à diretoria do próprio hospital público ou, por escrito, ao Conselho Regional de Medicina (CRM). A correspondência pode ser enviada por fax (226-1312) ou entregue pessoalmente. O CRM fica no SRTS Quadra 701, Edifício Assis Chateaubriand, Bloco 2, salas 301 a 314. Os casos extremos podem resultar em ação judicial na Promotoria de Justiça de Defesa da Saúde.